

O QUILOMBO DE MONTE ALEGRE – ES: HISTÓRIA DE MUITAS HISTÓRIAS

Simone Machado de Athayde¹

*“Monte Alegre é feita de ouro em pó.
Eu andei o mundo inteiro,
nunca achei lugar melhor.”*
(Jongo de Monte Alegre)

A Comunidade Quilombola de Monte Alegre está localizada à 38 km da sede do Município de Cachoeiro de Itapemirim – ES, num vale cortado de noroeste a sul pelo Ribeirão Floresta, afluente do Rio Itapemirim, está cercada por vários morros. É uma comunidade da zona rural do distrito de Pacotuba que foi formada no final do século XIX, por volta de 1888, ano da Abolição da Escravatura no país.

As pessoas nascidas no final do século XIX e início do século XX diziam que muitos moradores se deslocavam de lugares vizinhos e até de longe para dançar o caxambu² e os chamados “bailes de sala” realizados em Monte Alegre no final do dia e também aos finais de semana, em horário noturno, mesmo após um exaustivo dia de trabalho. Essas referências justificaram a origem do nome da comunidade.

De acordo com o Relatório Técnico de Identificação da Comunidade Remanescente de Quilombos de Monte Alegre (2006, p. 135 – 136), os relatos orais de membros da comunidade dão conta de que é lugar comum a explicação do nome Monte Alegre vir dos festejos que sempre aconteceram ali, atraindo pessoas de vários locais dos arredores: bailes, caxambu, festa de finados no antigo cemitério, Folia de Reis etc. Os responsáveis pela grande alegria das festas eram os negros com suas danças, músicas e outras manifestações comemorativas. No documento enviado à Fundação Cultural Palmares (FCP) em julho de 2005, com o pedido de certificação de Monte Alegre como *Remanescente das Comunidades dos Quilombos*, consta a seguinte explicação:

O negro [...] começou a organizar meios para expressar suas alegrias e normalmente eles praticavam uma dança denominada caxambu. Com o crescimento da comunidade e suas diversões afro-brasileiras, pessoas deslocavam-se de outras vizinhas para alegrarem-se junto aos negros. Daí surgiu o nome Monte Alegre.

“Monte” refere-se aos morros e montanhas existentes no interior e ao redor da comunidade, ela se localiza em uma região montanhosa, e “Alegre” remete às alegrias e festejos dos antigos (RELATÓRIO TÉCNICO DE IDENTIFICAÇÃO DA COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBOS DE MONTE ALEGRE, 2006, p. 136).

As atividades de Turismo Pedagógico, desenvolvidas por integrantes da comunidade remanescente do quilombo de Monte Alegre, fogem dos padrões que perpassam o processo de

¹ Mestre em Políticas Sociais pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF. Professora do Centro Universitário São Camilo – Cachoeiro de Itapemirim. Professora da Rede Municipal de Ensino do Município de Cachoeiro de Itapemirim - E-mail: athaydesimone@hotmail.com.

² Os cantos, as danças e os instrumentos que demarcam o ritmo, que os moradores de Monte Alegre denominam caxambu. Entretanto, os versos cantados constituem o que os participantes chamam de jongs e os instrumentos, que são dois tambores (um grande e um pequeno), chamados de caxambu e nominam o conjunto ritual. (Relatório Técnico de Identificação da Comunidade Remanescente de Quilombos de Monte Alegre, 2006, p. 271 – 272).

construção do conhecimento formal das escolas, baseado, muitas vezes, nos livros didáticos que, em sua maioria, dialogam com a História do Negro na vertente da opressão e do sofrimento, caracterizando-o como mero coadjuvante da História do Brasil e não como ator que contribuiu para a formação do povo brasileiro.

Segundo Brandão (2007, p. 47), “a educação do homem existe por toda parte e, muito mais do que a escola”. Sendo assim, ela “é o resultado da ação de todo o meio sociocultural sobre os seus participantes”. Para ficar mais claro, nota-se que “é o exercício de viver e conviver o que educa. E a escola de qualquer tipo é apenas um lugar e um momento provisórios onde isto pode acontecer”. Seguindo esse raciocínio, “é a comunidade quem responde pelo trabalho de fazer com que tudo o que pode ser vivido-e-aprendido da cultura seja ensinado com a vida – e também com a aula – ao educando”.

Assim, as aulas-passeio têm o objetivo de promover um ambiente onde as relações sociais, econômicas e culturais são interativas, deixando caracterizar essa atividade como uma forma de lazer e turismo aplicado à educação. A prática dessas aulas identificadas por Freinet (1996), podem também ser vistas como uma possibilidade de “ponte” entre a pedagogia e o turismo, o que chamamos, atualmente, de turismo pedagógico, propiciando a conversão e reconversão do olhar nos envolvidos. Elas ainda podem ser planejadas pelo professor tendo como base os princípios já mencionados, para que, dessa forma, o conhecimento construído tenha sentido na vida de nossos educandos, pois a experimentação, as vivências são premissas que perpassam o aprendizado com significado.

Assim, as aulas-passeio têm o objetivo de promover um ambiente onde as relações sociais, econômicas e culturais interagem-se, deixando caracterizar essa atividade como uma forma de lazer e turismo aplicado à educação. A prática dessas aulas identificadas por Freinet, podem também ser vistas como uma ponte entre a pedagogia e o turismo, o que chamamos atualmente de turismo pedagógico, propiciando a conversão e reconversão do olhar nos envolvidos (BONFIM, 2010, p. 124).

Aulas- passeio: implicações na construção do conhecimento

De acordo com os professores da Aula-passeio I o motivo que impulsionou a visita foi o de apenas conhecer uma comunidade quilombola, em especial, a de Monte Alegre.

“Ouvimos falar dela, assim resolvemos agendar uma visita para conhecê-la!”
(Professores)

Durante essa visita, foi possível estabelecer um diálogo com alguns estudantes, questionando-os o motivo da visita:

“Sei lá!” (Estudante 1)

“Não lembro se o professor falou alguma coisa” (Estudante 2)

“O professor falou que é para a gente saber um pouco da História”. (Estudante 3)

“Aprender um pouco mais da cultura dos escravos”. (Estudante 4)

“Não estamos estudando Ciências. Talvez depois vamos estudar”. Resposta dada após a realização da trilha. (Estudante 5)

“Pensei que eu fosse encontrar os negros vestidos com aquelas roupas, tronco e mais outras coisas”. (Estudante 6)

Diante dessas falas, é possível perceber a ausência de uma prática educativa planejada, contextualizada, capaz de estabelecer uma ponte entre as discussões efetivadas na sala de aula com o contexto social, uma prática educativa ausente também no trabalho referente ao trabalho da Lei nº 11.645/2008.

É possível perceber, na fala do Estudante 6, o silenciamento do estudo no que diz respeito à luta do negro no Brasil, bem como a sua contribuição nas áreas social, econômica e política da História do Brasil. Sua história de opressão ainda é mais latente do que a história de suas conquistas.

A visita da escola estadual, localizada no município de Alegre – ES (Aula-passeio II,) teve a presença de dois professores (o de História e o de Sociologia) e da gestora pedagógica. De acordo com eles, o objetivo da visita estava pautado no conhecimento de um quilombo que foge dos padrões apresentados pelos livros didáticos e que tem um trabalho fundamentado no desenvolvimento de Políticas Públicas em favor do crescimento da comunidade.

“Quando fazíamos Faculdade viemos conhecer essa comunidade. Agora, estamos voltando com nossos alunos. O Quilombo de Monte Alegre tem muito a nos ensinar porque tem um trabalho incrível desenvolvido por Leonardo³”. (Professores)

Perante a fala dos professores, é importante destacar que Leonardo Ventura durante o momento inicial da visita, menciona que alguns estudantes, que têm a oportunidade de visitar a Comunidade Quilombola de Monte Alegre, retornam mais tarde na condição de professores juntamente com sua turma.

Os 14 estudantes, que cursam o 3º ano do Ensino Médio dessa escola, aproveitaram a manhã, para vivenciar o “Turismo Étnico, Cultural e Ambiental” oferecido pela Comunidade Quilombola de Monte Alegre.

Após o café da manhã, os professores, com Leonardo, deram uma aula sobre o “Trabalho Escravo no Brasil”, o “Eurocentrismo”, o “Movimento Quilombola” e a “Não passividade do negro” - momento de grande atenção por parte dos estudantes. Após esse significativo momento, foi a vez da apresentação cultural do caxambu e do samba de roda.

Das cinco escolas acompanhadas, essa foi a única contemplada com o samba de roda em que todos foram chamados, para dançar embalados ao som do tambor, das palmas e do seguinte canto:

Ô Geraldo⁴ cadê você, cadê você, cadê você,
Ô Geraldo cadê você, cadê você, cadê você.
Mexe, mexe Geraldo que o povo quer te vê,
mexe, mexe Geraldo que o povo quer te vê.

Na observação participante realizada com os estudantes após o percurso da trilha, foi perguntado o que estavam achando da visita e alguns respondiam:

³ Um dos líderes da Comunidade Quilombola de Monte Alegre.

⁴ Nome do professor de História.

“Tudo é muito bom!” (Estudante 1)

“Estou aprendendo muito mais aqui do que na sala”. (Estudante 2)

“Muita coisa que vi na trilha tem na minha roça”. (Estudante 3)

“Aprender sobre os negros é aprender sobre a História do Brasil!” (Estudante 4)

“Esse quilombo não é igual que eu aprendi um tempo atrás”. (Estudante 5)

“Aqui é bem limpinho.” (Estudante 6)

“Quanta coisa estou aprendendo. Valeu apenas acordar tão cedo para vir até aqui”. [risos] (Estudante 7)

As vozes revelam que os estudantes estão vivenciando, de forma significativa, os conteúdos trabalhados em sala de aula que perpassam pelo viés da inserção da 11.645/2008 e que o esforço faz parte do processo de construção do conhecimento.

O Estudante 2 afirma que conseguiu aprender mais coisas in loco que na sala de aula. Compreendemos que, para os estudantes, a experimentação é importante, pois oferece uma dinâmica à prática educativa distinta da cotidiana, cujo objetivo é tornar as aulas significativas, pois a vivência aproxima o abstrato do real.

O Estudante 3 aproxima a vivência de sua roça com a experimentação realizada no caminho percorrido durante a caminhada pela trilha e visita à horta comunitária do quilombo. Nessa experiência desenvolvida a partir do turismo pedagógico, as barreiras entre os muros e a rigidez espacial da escola puderam ser borrados, permitindo a aproximação entre essa prática educativa e o contexto social mais amplo de onde provêm seus estudantes. Esse estudante estabeleceu uma ponte identitária entre a mobilização comunitária, empenho e dedicação dos quilombolas para a construção e manutenção de sua horta comunitária e a experiência cotidiana da roça feita na casa de seus familiares. Esses saberes ligados ao cotidiano camponês, muitas vezes discriminado por ser visto como algo distante dos valores da modernidade, encarado como mero processo de subsistência econômica ligado a valores de humildade e simplicidade, foi ressignificado a partir da fala de Leonardo aos estudantes. Os saberes dos homens do campo são práticas historicamente apartadas do cotidiano escolar, uma vez que seu princípio organizador está pautado no mundo citadino. Na escola, a regulação do tempo e do espaço seguem as divisões e ritmo das indústrias; os conteúdos trabalhados em sala de aula são divididos, metaforizando a linha de produção em série; a escolha dos temas abordados privilegia os saberes técnicos. Em sentido oposto, a visita ao Quilombo de Monte Alegre proporcionou a integração entre saberes aparentemente díspares, voltados para a prática econômica que permite a sustentabilidade dessa comunidade que, coincidentemente, é a mesma desenvolvida pela agricultura familiar, responsável pela produção da maior parte dos alimentos que abastecem a mesa do brasileiro.

A fala do Estudante 6 “Aqui é bem limpinho” chama a atenção pela lacuna de sentidos existentes entre o jogo daquilo que se espera encontrar num quilombo, ou seja, uma ideia pré-concebida sobre o que seria a vida de uma comunidade negra e aquilo que foi possibilitado, ao aluno, vivenciar a partir da aula passeio. Nesse interstício, transparece o preconceito velado ao negro e a tudo que lhe é atribuído. Segundo a afirmativa do Estudante 6, a visita ao quilombo surpreende, pois expõe um local antes desconhecido na prática, mas cuja ideia preexistente apontava para uma comunidade de negros, local sinônimo de “sujo”, “pobre”, “feio”. Esse

estigma é comum na sociedade brasileira, em que símbolos da modernidade e do bem-viver são expostos nos mais diferentes meios, apontando que somente o branco teria a possibilidade de ser "limpo", "rico" e "bonito". Quebrar estereótipos que atribuem ao negro brasileiro um caráter que o inferioriza e, ao mesmo tempo, o culpa por estar preso aos grilhões da pobreza constitui meta a ser destacada nesse tipo de turismo pedagógico.

Na observação participante realizada na Aula-passeio III juntamente com uma escola municipal do município de Marataízes – ES, verificou-se que a mesma contou com a participação de dois professores (um de Ciências e o outro de Matemática), da coordenadora e diretora da escola. Pode-se perceber que o objetivo da visita perpassava o conhecimento das atividades técnicas desenvolvidas pela comunidade, voltadas para a agro-ecologia.

Essa escola teve a participação de 20 estudantes que cursam o 8º e 9º anos do Ensino Fundamental II. De acordo com a equipe escolar, nem todos os estudantes vieram. Alguns familiares não deixaram suas crianças participar da aula por motivo religioso e outros não tinham como pagar por essa visita.

No que diz respeito ao motivo religioso mencionado, é possível notar que as religiões de matrizes africanas não são bem vistas pela sociedade que ainda tem uma visão depreciativa e preconceituosa, da qual o índio e o negro seguem sendo alvo (SILVA, 2005, p. 99). Portanto, a falta de conhecimento, tanto do professor quanto da família, sobre estas religiões resulta em atitudes preconceituosas. A escola, por sua vez, tem um importante papel no que tange a ações pedagógicas voltadas a essa temática, sendo capaz de estabelecer um intercâmbio entre escola e família com o objetivo de promover o respeito.

Durante a apresentação relacionada ao contexto histórico de Monte Alegre, houve muita conversa por parte dos estudantes. Dispersavam-se com facilidade diante das atividades ofertadas no decorrer da visita, fato que levou os professores a chamarem a atenção de forma contínua da turma.

No decorrer da visita, alguns estudantes comentavam:

“Tudo é muito diferente do que aprendi na escola”. (Estudante 1)

“Quando eu estiver fazendo o Ensino Médio, vou trabalhar com a construção de uma horta comunitária igual a que Leonardo falou.” (Estudante 2)

“Nunca vi um quilombo assim. É bem legal isso tudo!”. (Estudante 3)

“A trilha foi a parte mais legal desse passeio”. (Estudante 4)

“Eu não vi os macaquinhos que o professor falou que iríamos ver”. (Estudante 5)

Mais uma vez, as vozes dos estudantes estão carregadas de ausência do trabalho da equipe pedagógica e docente da escola na tratativa dos temas relativos à Lei nº 11.645/2008. Apesar disso, todos ficaram impressionados com que estavam vivenciando. O Estudante 2 teve o exemplo da horta comunitária como um projeto a ser desenvolvido por ele. Já o Estudante 5 não foi para casa frustrado, pois quando estava indo embora com seu grupo, conseguiu avistar de dentro do ônibus os macaquinhos enfatizados pelo professor.

A IV Aula-passeio, foi proporcionada pela visita de uma escola municipal localizada também no município de Marataízes – ES e contou com a participação de 30 estudantes que frequentam o 2º e 3º anos do Ensino Médio. Essa aula teve o apoio de dois professores (um Biólogo e um Engenheiro Agrônomo) e contou com a participação de um quilombola, representando o quilombo localizado em Graúna, região do interior daquele município.

De acordo com os professores, o objetivo da visita foi trabalhar o Meio Ambiente; Sensibilidade Ecológica; Corredores Ecológicos; Fauna e Flora; Cultura e Artes dos quilombos (enquanto comunidade formada por grupo de descendentes africanos). Ainda de acordo com eles, os estudantes deveriam produzir, em dupla, um relatório a ser entregue no final da aula de campo. O que chamou atenção foi o fato de que os estudantes, em momento algum da visita, estarem registrando em seus cadernos o que estavam vivenciando, o que poderia impactar o processo de construção desse relatório.

No percurso da visita, os estudantes ficaram surpresos com tudo que viram e experimentaram. Pode-se perceber que foi um grupo muito engajado no objetivo proposto pelos professores.

“Nunca vi uma comunidade quilombola”. (Estudante 1)

“Conhecer tudo isso é muito bom!”. (Estudante 2)

Essas duas vozes afirmam a importância da escola trabalhar na perspectiva da observação e da experimentação. Essa escola vem desmitificar o que ainda se ouve falar sobre o conceito histórico de quilombo enquanto agrupamentos de africanos escravizados fugidos de engenhos, que tentaram reproduzir vida comunitária semelhante à da África (MOURA, 2012, p. 13). É nesse sentido que a apresentação de Leonardo sobre os aspectos sociais, culturais; as atividades econômicas; as políticas públicas acessadas; os prêmios atribuídos à comunidade no âmbito do cotidiano desse quilombo são extremamente importantes.

Para a Associação Brasileira de Antropologia (ABA), por intermédio de um grupo de trabalho criado em 1994:

O termo ‘quilombo’ tem assumido novos significados na literatura especializada e também para os grupos, indivíduos e organizações. Ainda que tenha um conteúdo histórico, o mesmo vem sendo ressemantizado para designar a situação presente dos segmentos negros em diferentes regiões e contextos do Brasil. Definições têm sido elaboradas por organizações não-governamentais, entidades confessionais e organizações autônomas dos trabalhadores, bem como pelo próprio movimento negro. ... o termo ‘remanescentes’ de quilombo’ vem sendo utilizado pelos grupos para designar um legado, uma herança cultural e material que lhes confere uma referência presencial no sentimento de ser e pertencer a um lugar e a um grupo específico (Relatório Técnico de Identificação da Comunidade Remanescente de Quilombos de Monte Alegre, 2006, p. 51).

Aula-passeio de número V, realizada por uma escola estadual localizada no município de Cachoeiro de Itapemirim. Ela teve a participação de duas professoras que ministram disciplinas do Núcleo Comum e de 21 estudantes que cursam o 3º e 5º ano do Ensino Fundamental I, acompanhados, também, pela mãe de um dos estudantes.

Para as professoras, o objetivo da visita foi finalizar o Projeto da História da Boneca Preta chamada “Abayomi”⁵ que está sendo desenvolvido na escola. O nome dessa boneca significa aquela que traz felicidade. Sua origem está relacionada ao processo de escravização, pois, em viagens muito difíceis, longas e cansativas para o Brasil, nos navios negreiros, as mulheres rasgavam a barra da saia com as próprias mãos e confeccionavam essa boneca para suas crianças brincarem com o

⁵ Disponível em: <<http://ideiasgraciosas.blogspot.com.br/2012/11/bonecas-abayomi.html>>. Acesso em: 06 de setembro de 2015.

objetivo de acalotá-las, pois choravam assustadas de fome e porque viam a dor e o desespero dos adultos. De acordo com uma das professoras: "Nem todos vieram, uns porque os pais não deixaram, já outros porque são bagunceiros. Fizeram muita bagunça e receberam o castigo de não poder conhecer uma comunidade quilombola".

Tendo como destaque a fala da professora mencionada acima, é perceptível o exercício da prática educativa voltada para punição, entre os estudantes que ainda não conseguem se “adaptar” às normas da escola são privados de alguns momentos em que o conhecimento é construído, nesse caso, o da aula-passeio na Comunidade Quilombola de Monte Alegre. Freire (1996, p. 164-165) afirma que:

Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura reacionista. Nem tampouco jamais compreendi a prática educativa como uma experiência a que faltasse o rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual.

Na observação participante dessa aula, a oportunidade de questionar as crianças sobre o que estavam achando da visita foi clara e precisa:

“Bem legal! Que pena que meus outros colegas não vieram”. (Estudante 1)

“Tudo é muito diferente do que aprendi na escola”. (Estudante 2)

“Ah! Gostei muito de passear na floresta”. Quero voltar”! (Estudante 3)

“Viemos aqui para ver as coisas”. (Estudante 4)

“Para conhecer o afro”. Perguntei: O que é afro? E ela respondeu: “Não sei”. (Estudante 5)

“A dança (o caxambu) que eles apresentaram é o “funk” deles”. [risos]. (Estudante 6)

De acordo com as vozes dos estudantes, foi possível perceber a sensibilidade afetiva da Estudante 1, quando se queixou da ausência de seus colegas que não puderam estar presente nessa aula-passeio. Percebe-se, também, a fragilidade dos professores em implementar o trabalho da Lei 11.645/2008.

O Estudante 6 fez a comparação da dança “caxambu” com o “funk”, forma que ele encontrou de aproximar o contexto social ao qual está inserido com a realidade dos monte alegrenses, ou seja, eles também apresentam danças que envolvem o balançar do corpo, coreografias criadas e ensaiadas como acontece no “funk”.

Para não concluir

Ao acompanhar o trabalho realizado pelos professores que visitam e levam suas turmas para Monte Alegre, foi verificado que a Lei 11.645/2008 ainda é pouco explorada durante as visitas e nas Instituições de Ensino, pois a maioria dos professores não constrói um planejamento articulado com as atividades desenvolvidas por Leonardo Ventura no percurso da visita. Cabe ainda questionar o óbvio: o que seria mais consonante ao ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena que uma visita a uma comunidade negra quilombola? No

entanto, esse trabalho revelou nuances e especificidades de difícil abordagem que nos permitem compreender o intrincado processo de construção de símbolos e, por conseguinte, da construção de conhecimentos sobre as identidades negras no Brasil.

Verificou-se que alguns professores adotam a postura do visitante e não do condutor que vai facilitar o processo de ensino aprendizagem.

Ficou explícito que Leonardo Ventura, gradativamente, vem dando visibilidade à Comunidade Quilombola de Monte Alegre desenvolvendo, desde 2005, ações de turismo pedagógico em consonância com o oferecimento de aulas-passeio, desenvolvidas para as escolas da região. Por meio dessas atividades de turismo pedagógico, ofertadas por ele e sua família, é operada a ressignificação do conceito de comunidade quilombola. Se alguns livros didáticos insistem trazer uma representação de quilombo como terra de negro escravo fugido, apresenta-se, a partir das visitas, um outro panorama dessas comunidades negras do Brasil, lidando com a diferença na ótica do contato e não do isolamento. A formação continuada de professores no tocante à Lei 11.645/2008 pode ser uma alternativa às ações voltadas para o ensino de conteúdos da História e Cultura Afro-brasileira, Africana e Indígena nas escolas.

Cabe ressaltar que Leonardo, apesar de desenvolver ações voltadas para o público estudantil, não é pedagogo e age criando mensagens absolutamente honestas a partir de seus respectivos e específicos ponto de vista, como negro e quilombola. Se há algo faltando na ação de turismo pedagógico desenvolvido no Quilombo de Monte Alegre é, certamente, a ação dos professores, coordenadores e diretores das escolas de Cachoeiro de Itapemirim e região que, na grande maioria das visitas analisadas, delegaram a responsabilidade de seu planejamento e execução de ações educativas à liderança do Quilombo, sem compreender a variedade de significados e conflitos constituintes desses discursos.

Referências

BONFIM, Mailene Vinhas de Souza. Por uma Pedagogia diferenciada: Uma reflexão acerca do turismo pedagógico como prática educativa. **Revista Turismo Visão e Ação** – Eletrônica, v. 12, n. 1, p. 114 – 129, jan./abr. 2010.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação/Conselho Nacional de Educação. CP/DF **Resolução nº 1**, de 17 de junho de 2004. Institui as diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana.

_____. Presidência da República. **Lei nº 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências.

_____. **Lei nº 11.645**, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília, DF: 10 de março de 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm>. Acesso em: 18 de dezembro. 2013.

FREINET, Célestin. **Para uma escola do povo**: guia prático para a organização material, técnica e pedagógica da escola popular. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LEITE, Ilka Boaventura. O Projeto Político Quilombola: desafios, conquistas e impasses atuais. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, 16 (3): 424, setembro-dezembro/2008.

MELLO, M. MOURA. **Reminiscências dos quilombos**: territórios da memória em uma comunidade negra rural. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

Ministério da Educação/Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico- Raciais**. Brasília: SECAD, 2010.

Ministério da Educação/Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Brasília: SECADI, 2012. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/>>. Acesso em: 04/05/2014.

MOURA, Clóvis. História – Quilombos e Quilombolas. **Quilombos e quilombolas no Brasil, mas no Paraná, quem diria**. Disponível em: <<http://www.quilombos.pr.gov.br/>>. Acesso em: 08 de novembro. 2013.

MOURA, Clóvis. **Quilombos, resistência ao escravismo**. São Paulo: Ática, 1989.

MOURA, Glória. **Quilombos contemporâneos**: resistir e vencer. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2012.

Relatório Técnico de Identificação da Comunidade Remanescente de Quilombos de Monte Alegre – Projeto Territórios Quilombolas no Espírito Santo – UFES – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA. Território “Quilombola” de Monte Alegre – História, Cultura, Meio Ambiente e Direito Étnico. Vitória – ES. 2006.